

Respondendo às perguntas kardequianas e a réplica Espírita

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Respondendo às perguntas kardequianas*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/respondendo-as-perguntas-kardequianas/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO VI – RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS KARDEQUIANAS

Neste capítulo, o pastor vai se valer do capítulo IV da obra *O Livro dos Médiuns* que trata objetivamente por Kardec dos sistemas, tal qual o exame dos diferentes modos por que o Espiritismo é encarado. Assim inicia o pastor:

Tentando provar que nós, os que dizemos que os espíritos que se manifestam nos centros espíritas são, sem exceção, demônios, Allan Kardec escreveu em “*O livro dos Médiuns*”, primeira parte, capítulo 4, número 46, nove perguntas, que ele julgava contundentes. Abaixo transcrevo as ditas interrogações e as respondo respectivamente.

Numa tentativa de enquadrar as comunicações nos centros espíritas como demoníacas, o pastor se ajusta ao sistema de afirmação: pessimista, diabólico ou demoníaco que justamente como ele bem disse, se encontra no desenvolvimento do item 46 que precisaremos situar os leitores na introdução deste item para contextualizar o pensamento de Kardec, dentro da obra citada *O Livro dos Médiuns*. Vejamos:

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. – Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência.

Sem dúvida que o meio mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e assentaram ver em todas as manifestações,

unicamente, uma obra diabólica. **Segundo essas pessoas, só o diabo ou os demônios podem comunicar-se. Conquanto fraco eco encontre hoje este sistema, é inegável que gozou, por algum tempo, de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse.** Faremos, entretanto, notar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o Mundo Invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último.

Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade.

Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. **Bem difícil será persuadir uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás.** Sem dúvida, entre os Espíritos, há os muito maus e que não valem mais do que os chamados *demônios*, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tornam bons.

A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas: (KARDEC, A. 2019, p.53-54) (grifo nosso)

Mediante o enquadramento do pastor neste sistema afirmativo de manifestação dos seres incorpóreos, ao meio físico o confirma a sua possibilidade, mas numa ótica pessimista, diabólica ou demoníaca, como bem destacamos o que Kardec refletiu que este sistema não é opositor ao fenômeno, mas detém um caráter negativo e já em desuso, já que inúmeros cientistas espíritas e não espíritas se debruçam nestes fenômenos em estudá-lo a sério. Como podemos observar, o pastor respondeu aos nove pontos levantados por Kardec e vamos as suas respostas, intercalando como nossos comentários. Vejamos:

Primeira Pergunta: “Há ou não espíritos bons ou maus?”.

Resposta: Há.

De antemão o pastor já assume que há Espíritos bons e maus. Será importante destacarmos esta sua resposta, pois recorreremos a ela no desenvolvimento deste

capítulo. Passemos a segunda pergunta:

Segunda Pergunta: “Deus é ou não mais poderoso do que os maus espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar?”

Resposta: É.

Já discutimos este pensamento do pastor no entendimento dos conceitos de que os demônios são seres voltados ao mal eternamente e que coloca o mal como criação de Deus e esta força do universo em eterna oposição ao Criador. Salientamos que crer nesta possibilidade, dentro deste sistema pessimista, colocaria o objetivo da criação numa dualidade de resultado, enquanto argumentamos, em consonância à codificação, que o objetivo da Criação é a perfeição e a plenitude! Passemos a terceira pergunta:

Terceira Pergunta: “Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isso se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a sua vontade, é que os maus espíritos podem mais do que Ele; se por vontade sua, por que, em sua bondade, não permitiria Ele que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?”

Resposta: Nós, os evangélicos, não pregamos que só os maus espíritos se comunicam, pois cremos que os anjos e o Espírito Santo contatam os servos de Deus (Êx 3.2; Dn 9. 21 e 22; Lc 1. 13, 26-28; At 8. 26; 13. 2; Jo 16. 13, etc.). Em se tratando, porém, dos espíritos dos mortos, nem os maus e nem os bons se comunicam, mas sim, os demônios, que personalizam os falecidos, para enganarem os incautos (Lc 16. 27-31).

Na primeira parte da resposta do pastor, já temos a afirmativa que os bons espíritos se comunicam, mas segundo ele, se tratam dos anjos e do espírito santo, que dentro da conceituação da obra que ele criticou da codificação espírita, a saber *O Céu e o Inferno*, coloca como os anjos nada mais que espíritos dos homens que já viveram sobre a terra, ou mesmo em outros planetas, uma vez que atingiram um grau elevado de progresso, velando, desta forma, pelos encarnados e sendo ministros da vontade do Pai. Entendemos que este conceito está dentro da nossa abordagem já realizada acerca da manifestação de pessoas mortas, dentro do contexto de (At 12,15) quando Pedro, ao escapar da prisão, retorna a sua casa e os que ali estavam, imaginaram ser seu “anjo” que em nosso entendimento, trata-se do espírito de Pedro que poderia estar ali se manifestando, já que os seus acreditavam que Pedro estivesse morto naquela ocasião.

Um outro evento que corrobora nossa assertiva e que o pastor ignorou, foi a visão que Paulo teve de um espírito de um macedônio pedindo-lhe que passasse a

Macedônia e ajudassem-nos (At 16,9). Este fenômeno de materialização e comunicabilidade dos que viveram sobre a terra era bastante comum entre os primeiros Cristãos, pois como percebemos ainda, existem os fenômenos de materialização de espíritos aos encarnados como citou o pastor. (Êx 3,2; Dn 9,21-22; Lc 1,13,26-28; At 8,26; 13,2; Jo 16,13, etc.). Entretanto, entendemos que não devemos crer em todos eles como nos recomenda o apóstolo João, **“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”**. (1Jo 4,1).

Não podemos nos furtar das evidências do Tanah na manifestação dos espíritos, tal qual encontramos o episódio da comunicação do espírito do profeta Samuel com o rei Saul através da pitonisa de En-Dor que aprofundaremos no capítulo específico a tratar deste fenômeno, registrado em (1Sm 28).

Temos que ainda observar que Jesus se comunicou com os espíritos de Moisés e Elias no monte Tabor, na presença de Pedro, Tiago e João (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36), estabelecendo assim, o contato entre encarnados e desencarnados, corroborando nossa tese inicial e que estamos esclarecendo ao pastor e seus leitores. Contudo, o pastor advoga que é impossível os espíritos dos mortos se manifestarem, mas diante das evidências apresentadas, a parábola do rico e Lázaro (Lc 16, 27-31) por ele citada ao fim, não impossibilita tal comunicação em seu contexto, citando apenas a impossibilidade de transição entre as zonas inferiores e superiores, representadas no Hades desta passagem, e também mediante os inúmeros fatos por ele ignorados. Passemos ao ponto seguinte:

As manifestações do Espírito Santo e dos anjos, se dão sob a vontade absoluta de Deus, e as manifestações dos demônios disfarçados em espíritos dos mortos, ocorrem sob a vontade permissiva de Deus, pois Ele deu ao homem o livre arbítrio.

Os anjos não são os espíritos dos mortos, porquanto Deus não é nenhum incoerente para proibir aos seus servos de se comunicarem com os mortos (Dt 18.9 a 14) e ao mesmo tempo permitir que eles (os mortos) se comuniquem com Moisés, Zacarias, Maria mãe de Jesus, Daniel, etc.

Os demônios não podem mais do que Deus, mas Ele permite, por causa do livre arbítrio que nos deu, que desobedeçamos às Suas Leis (as quais com clareza proíbem que evoquemos, invoquemos e consultemos os mortos), oportunidade esta que os demônios não lançaram fora, mas aproveitaram-na para ludibriarem aqueles que se puseram sob a maldição divina por transgredirem a Lei de Deus, exarada na Sua Palavra (Dt. 18. 9 a 14; Ap 21.8;22.15)

Como já bem evidenciamos no parágrafo anterior, identificamos diversos eventos que não eram demônios que se manifestavam no Tanah e no Novo Testamento (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9) e que nos parece que o pastor ignorou tais ocorrências. Com isso, agora entramos na proibição da consulta aos mortos e que o pastor advogou que os anjos não são espíritos dos mortos, mas não citou e nem mesmo objetou quando os espíritos que se manifestam são de pessoas que já viveram na terra. Contudo, será preciso contextualizar a definição dos anjos, segundo a Doutrina Espírita, contida na obra *O Céu e o Inferno*, primeira parte, capítulo VIII. Vejamos:

Os anjos segundo o Espiritismo

12. Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres.

As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim — que é a perfeição — é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. Ele lhes diz: *Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte.* Consequentemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem, e foi o homem que criou esse mal, divorciando-se dessas leis; se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

13. Entretanto, a alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, e daí o ser falível. Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que importa evitar.

Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até o estado de *puro Espírito* ou *anjo*. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade.

Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso. (Vede Primeira Parte, cap. III, *O céu*.)

14. A humanidade não se limita à Terra: habita inúmeros mundos, que no Espaço circulam, já habitou os desaparecidos, e habitará os que se formarem. Tendo-a criado de toda a eternidade, Deus jamais cessa de criá-la. Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos havia, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorrem os de mais recente formação, atingindo seu fim antes mesmo que houvéramos saído das mãos do Criador.

De toda a eternidade têm havido, pois, puros Espíritos ou anjos, mas, como a sua existência humana se passou num infinito passado, eis que os supomos como se tivessem sido sempre anjos de todos os tempos.

15. Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras.

E, desse modo, completa-se com igualdade a soberana Justiça do Criador. (KARDEC. A. 2019, p. 101-102) (grifo nosso)

Curiosamente o pastor passou batido nesta definição espírita de anjos, na obra que ele vem criticando, mas que sabemos que encontraria certa dificuldade em refutar a tese de Kardec. Destacamos o trecho acima com o viés de que necessitamos dilatar nossa compreensão da escala evolutiva alcançada pelos puros espíritos, tal qual a grandiosidade da criação e amplidão das vidas sucessivas se darem em diversos planetas, dispostos no universo, em diversas escalas de gradação, outorgando, assim, a perfeição de certos espíritos desde a eternidade, ao qual nos parece, em uma visão limitada, que estes espíritos já tenham sido criados perfeitos, tal qual pensa o pastor.

O pastor entrou na proibição de Moisés em se consultar os mortos, registrado em (Dt 18,9-14), mas segundo ele, não são mortos que se manifestam, mas demônios. Ou seja, Moisés não identificou que é somente os demônios que se manifestam, senão ele teria sido direto em proibir a consulta aos demônios e não aos mortos. Como Moisés proibiria algo que não acontece? Este conceito está unicamente no pensamento do pastor e não no texto que ele levantou como evidência, onde até contrapomos o evento da Transfiguração de Jesus que curiosamente, um dos personagens que ali aparece é o espírito de Moisés. Seria estranho Jesus infligir um mandamento divino, se ele mesmo consultou os espíritos de Moisés e Elias na presença de Pedro, João e Tiago no monte Tabor (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Para tanto, temos dois artigos a recomendar

como leitura complementar a esta obra que são: [Na transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?](#) E [A Comunicação com os mortos na Bíblia](#) de nossa autoria. Passemos a conclusão desta análise da terceira resposta do pastor à pergunta de Kardec.

O próprio Allan Kardec ensinou que as más ações atraem os maus espíritos, e as boas, os bons. Pois bem, é isto que está acontecendo. A má ação da transgressão da lei de Deus, atrai os demônios, os quais com muita habilidade imitam os falecidos.

Para contrabalançar a influência dos maus espíritos (o diabo e os demônios), temos, não a influência dos “bons espíritos dos mortos”, mas a influência da Bíblia (Malaquias 3.16), do Espírito Santo (Jo 16.13, etc.) e dos anjos (Hb 1.14). Estes (o Espírito Santo e os anjos) nunca se manifestam identificando-se como espíritos dos mortos, pois não o são.

Partindo deste axioma, se uma má ação de consultar aos mortos atrai os demônios, como diz o pastor, como explicar que Jesus na transfiguração atraiu os espíritos de Moisés e Elias? Seria algo ilógico dentro deste pensamento do pastor. Entretanto, temos a resposta, que é objetivamente a forma de como ocorrem as evocações, tal qual diferenciamos o conceito de necromancia que está proibida em (Dt 18,9-14) e de uma evocação séria, tal qual Jesus se utilizou e que as casas espíritas federadas praticam. No artigo que indicamos entramos neste detalhe que não abordaremos aqui, a fim de não deixar esta obra um tanto longa.

Houve a defesa do pastor de que não são os espíritos dos mortos que se manifestam na Bíblia (Hb 1,14; Mt 17,13; Jo 16,13), mas identificamos diversos casos em que eles contataram os discípulos e reis de Israel (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9). Entendemos que a pergunta de Kardec ainda se encontra sem resposta e que a tentativa do pastor em responder, ignorando importantes conceitos, provou isso. Passemos a análise da resposta do pastor à quarta pergunta.

Quarta Pergunta: “Que provas podeis apresentar da impossibilidade em que estão os bons espíritos de se comunicarem?”.

Resposta: Nenhuma, pois como já vimos, os bons espíritos (o Espírito Santo e os anjos) estão a serviço dos servos do Senhor e conosco se comunicam constantemente; mas, os espíritos dos mortos, nem os bons e nem os maus têm acesso a nós, e esta é a razão porque Deus nos proibiu consultá-los.

Se os mortos tivessem acesso a nós, Deus não nos proibiria consultá-los, pois não haveria nisso nenhuma maldade; pelo contrário, consultar os mortos seria até muito confortante. Deus não é nenhum idiota e,

portanto, jamais nos proibira de consultar os mortos se isto fosse possível. O fato de Deus nos ter proibido consultar os mortos, nos prova que eles não têm acesso a nós. Os mortos salvos estão no paraíso e os perdidos no inferno, e não zanzando por aí (Lc 16. 19-31; 23. 42-43; 2 Co 12. 2-4 ; Ap 6. 9-11, etc).

Pelo teor da resposta do pastor que não tem prova nenhuma em que é inexistente a impossibilidade dos bons espíritos em se comunicarem. Para tanto, ele advoga novamente a proibição de Moisés (Dt 18,9-14) como que Deus proibiu algo que não acontece. Realmente ele acredita que este argumento resiste a lógica de seus pressupostos, mediante tudo o que apresentamos (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9). As manifestações ocorriam normalmente, senão o fosse, o apóstolo João não recomendaria a experimentar todos os espíritos (1Jo 1,4). Seria algo completamente sem lógica experimentar os espíritos se são bons e ruins, se eles não se manifestavam à época intertestamentária.

O pastor está insistindo que os mortos não se manifestam e que Deus proibiu a evocação deles por não ser possível. Já deixamos a pergunta e frisamos: Poderia Deus proibir algo que não ocorre? Logicamente que não e dessa forma, traremos mais um trecho de nosso artigo [A comunicação com os mortos na Bíblia](#). Vejamos:

3. A diferença entre a comunicabilidade com os “mortos” e a necromancia

Neste intento, **Severino Celestino**, em sua obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” discorre muito bem sobre esta questão, situando as gritantes diferenças do objetivo no trato com os mortos, entre os povos primitivos, no caso em questão, os Egípcios e os espíritas de hoje. Assim ele arremata:

*“Quem conhece o Espiritismo sabe muito bem que **os espíritas não vão a cemitério debruçarem-se sobre túmulos, nem ali dormir, para dialogar com os espíritos e este era o costume daquela época, por isso, proibido por Moisés. Além disto, os Espíritas não exigem a presença dos ‘mortos’ nem evocam os espíritos superiores para deles obterem revelações ilícitas, nem delas tirarem benefícios pessoais, mas esperam as suas manifestações espontâneas, para delas receberem sábios conselhos e proporcionarem alívio àqueles que sofrem. Se os Hebreus utilizassem a comunicação dos mortos do mesmo modo e seriedade com que os Espíritas o fazem hoje, certamente Moisés não os teria proibido de nada. Pelo contrário, tê-los-ia estimulado. Veja Números 11:26 a 30”** (SILVA, 2012, p. 94, grifos nossos)*

Ao qual abordamos outrora, alhures para dar continuidade se era uma

proibição de Deus e não de Moisés, é porque elas ocorriam rotineiramente e se elas ocorriam era porque Deus as permitia, com já dizia nosso irmão Chico Xavier de que o telefone só toca do lado de cá, portanto se era uma proibição de Deus, haveria de ter sido anunciada no Decálogo, ou até mesmo uma impossibilidade desta comunicação do plano Espiritual para o Físico, fato este que não ocorreu e não existe esta hipótese da impossibilidade de se comunicar com o plano espiritual. O que ocorre é que podemos provar todos os espíritos, a fim de que possamos verificar se realmente são ou não vindos da parte de Deus. (FERRARI. T. T. 2014. P. 6-7)

Fim da citação

Dessa maneira, identificamos a maneira como as evocações ocorriam na época da proibição de Moisés, segregando a consulta de forma séria e a prática da necromancia que não coadunamos. E encerrando a assertiva de que os mortos ou estão no inferno, ou estão no céu, advogou o pastor suas referências (Lc 16,19-31; 23,42-43; 2Co 12,2-4; Ap 6,9-11, etc) que em nada impedem da manifestação dos espíritos no mundo físico. Diante disso, vamos recorrer novamente a mais um trecho de nosso artigo [A comunicação com os mortos na Bíblia](#). Vejamos:

3. Tobias 5 e a manifestação factual de um espírito que já foi encarnado

Este é um dos relatos mais evidentes de que os anjos, nada mais são os espíritos que já passaram pelo orbe terrestre, porém, que já atingiram um certo grau de evolução e assim podem assistir os demais. Com efeito, cito o seguinte relato:

*Apenas saíra, Tobias encontrou um jovem de belo aspecto, equipado como para uma viagem. **Sem saber que se tratava de um anjo de Deus**, ele o saudou e disse-lhe: De onde és tu, ó bom jovem? **Ele respondeu: Sou israelita**. Tobias perguntou-lhe: Conheces porventura o caminho para a Média? Oh, muito!, respondeu ele. Tenho percorrido freqüentemente esse caminho. Hospedei-me em casa de Gabael, nosso compatriota que habita em Ragés, na Média, cidade que está situada na montanha de Ecbátana. (Tb 5:5-8)*

Tobias parte em viagem a fim de encontrar Gabael, conforme as orientações de seu pai que até pudesse encontrar alguém pelo caminho para o guiar até o seu destino, já que não sabia o caminho a tomar. Todavia, quando Tobias encontra um jovem ao seu turno, não sabia ele **que se tratava de um anjo de Deus**. A resposta do anjo nos deixa ainda mais certo de que este espírito, já desencarnado, era de nacionalidade **israelita**, ou seja, já viveu como tal, assim como conhecia o caminho da Média, havia percorrido este caminho frequentemente, hospedando-se à

casa de Gabael, o destino de Tobias. Com efeito, pediu-lhe Tobias que o aguardasse, pois ele viria a dar a notícia ao seu pai de que encontrara alguém com quem ir ao eu destino. Com isso, prossegue o relato em seu desfecho.

Então o anjo disse-lhe: Eu o levarei até lá e to reconduzirei. Tobias então perguntou-lhe: Rogo-te que me digas de que família e de que tribo és tu? O anjo respondeu: Que é que procuras: a raça do servo, ou o próprio servo para acompanhar teu filho? Mas, para tranquilizar-te: eu sou Azarias, filho do grande Ananias. És de família distinta, respondeu Tobias. Rogo-te que não me queiras mal por ter querido conhecer tua origem. O anjo então disse: Conduzirei o teu filho são e salvo, e to trarei de novo são e salvo. (Tb 5:15-20)

Após este desfecho do diálogo entre Tobias e o espírito Azarias, temos a certeza de que mesmo sem saber que era um espírito, vemos que este tinha uma família e, portanto uma vida em que esteve encarnado, com o indubitável relato de sua materialização e diálogo com Tobias, acertando a tal viagem e testificando que a comunicação embasada com fins sérios, como este acima é louvável e inteiramente permissível. Que os demais leitores possam tirar as suas próprias conclusões. (FERRARI; T. T. 2014, p. 11-12)

Fim da citação

Como podemos observar, tanto o Tanah, quanto o Novo Testamento está repleto de aparições de espíritos e de sua possibilidade de se comunicarem e neste exemplo, como em Tobias 5, se tratava de um bom espírito. Passemos, porquanto ao fim do raciocínio do pastor sobre sua resposta ao quarto questionamento de Kardec.

Certo dia, enquanto argumentava baseado em Dt. 18. 9-14 que os mortos não se comunicam conosco, disse-me um amigo: “Eu creio que é possível comunicarmos com os mortos, e que Deus nos proibiu fazê-lo para nos livrar duma possível farsa demoníaca, porquanto os demônios bem podem imitar ao falecido com quem desejaríamos falar”. Eu disse-lhe que respeito muito a sua opinião, pois mais importante do que sabermos o porquê de Deus ter proibido a consulta aos mortos, é sabermos que Ele o proibiu e obedecermos esta Sua ordem. Todavia, me parece mais evidente que Deus nos proibiu consultar os mortos, não para nos livrar de um possível engano, mas sim, para nos livrar da inevitável farsa, pois os mortos não podem nos contatar. Se este não fosse o motivo, Deus nos proibiria comunicar com os anjos, pois o Diabo, à luz da Bíblia, pode imitar um anjo de luz (2 Co 11.14).

Iniciei minhas objeções à pergunta número quatro, mostrando que, em se tratando de comunicação com espíritos, somente os anjos (que não são espíritos dos mortos como querem os espíritas) e o Espírito Santo se

comunicam conosco. Isto é muito óbvio, pois é de se esperar que um bom espírito, como o do apóstolo Paulo, de João Batista... jamais concordaria com a transgressão da Lei de Deus. Ora, se nós estamos proibidos de consultar os mortos, então os mortos estão proibidos de se comunicarem conosco, pois como Deus poderia nos proibir de consultá-los e enviá-los para serem consultados por nós? Isso seria uma incoerência tão grande quanto aquelas que caracterizam o Kardecismo. Sim, os bons espíritos (refiro-me aos espíritos dos mortos) não se comunicam conosco porque se são bons, obedecem a Deus e ainda querem que façamos o mesmo, e, portanto, jamais nos incentivam à transgressão da Lei de Deus.

Chegamos a clássica passagem em que Paulo recomenda aos cristãos de Corinto que até mesmo satanás pode se transfigurar de anjo de Deus para nos enganar (2Co 11,14), onde o pastor lança mão desta passagem, isoladamente, para fundamentar sua tese que Deus proibiu algo que não acontece. Contudo, vamos novamente ao contexto de (2Co 11,1-33) na *Bíblia de Jerusalém*, e ver o que esta passagem está recomendando. Vejamos:

2Cor 11,14-15: E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. **Por conseguinte, não é surpreendente que os seus ministros também se disfarcem de servidores da justiça. Mas o fim destes corresponderá às suas obras.** (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2028) (grifo nosso)

A parte que destacamos que está dentro do contexto, ao qual estamos analisando, sempre é suprimida pelos líderes religiosos que combatem o Espiritismo (v. 15), alegando que é Satanás que move as revelações dos espíritos, mas se esquecem que o contexto de Paulo é justamente uma exortação à Corinto, quando **Paulo, constrangido a fazer seu próprio elogio** devido a correntes religiosas apresentarem um outro Jesus e outro evangelho a esta comunidade cristã (2Co 11,4) que é o objetivo do combate de Paulo, já que no verso posterior (v. 15) estes ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Desmistificado este ponto obscuro, demonstrando a impossibilidade deste verso isolado, em apresentar aos dias atuais uma insígnia de que os espíritas são ludibriados nas sessões mediúnicas, é realmente este adágio por aqueles que desconhecem tal prática dentro da Doutrina Espírita. Dessa forma, vamos à quarta pergunta respondida pelo pastor.

Quinta Pergunta: “Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. **Sabemos, com efeito, haver espíritos hipócritas,**

que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria; mas, admitimos que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?” (Grifo nosso).

Resposta: O próprio Allan Kardec admite a existência de “espíritos hipócritas, os quais dão à sua linguagem um verniz de sabedoria”. Só nos resta sabermos agora que espíritos são esses. Allan Kardec e todos os kardecistas dizem que são espíritos **ainda** maus e/ou zombeteiros, os quais um dia sentirão a necessidade de se evoluírem e evoluirão, pois Deus, submetendo-os a várias encarnações neste e/ou noutros mundos, lhes proporcionará os meios para que evoluam até atingirem à perfeição moral e intelectual, quando então serão espíritos perfeitos. Dizem que Jesus Cristo, os espíritos que a Bíblia chama de anjos, e todos os espíritos perfeitos, passaram por esta evolução. Admitem a possibilidade de nem todos os espíritos hoje perfeitos, terem sido maus no passado, mas sustentam que todos os espíritos (inclusive Jesus) foram criados imperfeitos e que por seus próprios esforços e méritos alcançaram a perfeição. A Bíblia, porém, nos apresenta um quadro diferente. À luz da Bíblia, os espíritos que Allan Kardec e discípulos chamam de “espíritos ainda não evoluídos”, são os irrecuperáveis demônios, os quais, inevitavelmente serão lançados no fogo eterno, donde não sairão nunca (Mt. 25: 41,46; Ap. 20: 10).

Percebemos na introdução desta resposta do pastor à quinta pergunta dirigida por Kardec, mais uma pérola, pois segundo o pastor, os espíritos que se utilizam de vultosos nomes nas seções mediúnicas e que não condizem com sua evolução, devido ao verniz de sabedoria ser apenas aparente, logo são descobertos e dessa maneira, Kardec os classifica como levianos, ou hipócritas que na concepção do pastor são os irrecuperáveis demônios e ele nos apresenta fontes que corroboram com sua tese, a saber primeiramente (Mt 25,41-46) que está dentro do contexto do **último julgamento** (Mt 25,31-46). Precisaremos recuar em dez versículos a citação isolada do pastor para entender o contexto ao qual se refere, como que os demônios são representados nesta passagem que testifica a **execução da parábola dos bodes e das ovelhas** que como critério de julgamento, serão pesadas as atitudes de caridade para com os necessitados, representados pelo Cristo como pequeninos. Dessa maneira, os injustos, representados como bodes, serão lançados num planeta ainda primitivo para retomarem sua jornada evolutiva com mais dificuldade e ainda responsáveis por adiantar intelectualmente a civilização nativa deste planeta a duras penas. Já os justos, representados pelas ovelhas, estes passarão a planetas ainda mais evoluídos e continuaram a senda do progresso, ou ainda permaneceram no processo de pacificação da Terra que transitará a um planeta de provas e expiações para um planeta de regeneração. Esta passagem diz justamente isso e é o que observamos na codificação e obras complementares da

Doutrina Espírita. Se apegar a ela como justificava de que há demônios condenados ao inferno eternamente, pela literalidade do trecho isolado, é permanecer num nível de interpretação primário que já destacamos na introdução desta obra.

Acerca de outro texto pinçado pelo pastor (Ap 20,10), precisaremos também citar todo o contexto contido em (Ap 20,7-10) que trata do **segundo combate escatológico** prefigurando figuras simbólicas, tal como *Gog e Magog* representam as nações gentílicas contra a igreja, a *cidade amada*, a nova Jerusalém, o *diabo* representando o mal reinante na terra, a *besta* que é o império romano e sua queda no século V e o *falso profeta* que é representado pelos falsos messias dos primórdios do Cristianismo. Permanecer em seu sentido literal, é como dissemos anteriormente, não representar o significado que o texto nos oferece.

Enfim, chegamos a falta de comprovação de que Jesus não galgou os degraus evolutivos ao qual ele se submeteu. Vamos, dessa maneira, extrair do texto, de nossa autoria, ***O Diálogo entre Jesus e Nicodemos***, a fim de perceber este importante detalhe desconhecido pelo pastor. Vejamos:

5. A jornada evolutiva de Jesus

Esta passagem é uma das mais complexas aos exegetas e opositores da reencarnação, em nos trazer uma análise que tenha lógica dentro do contexto que se refere à reencarnação. Pois bem, vejamos:

Jo 3,13: “Ora, **ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem**”

Primeiro vejamos o que alguns opositores da reencarnação tentam harmonizar para fechar a questão do diálogo entre Jesus e Nicodemos. v.13 “Ora, ninguém subiu (αναβεβηκεν) ao céu, senão o que desceu (καταβας) do céu, o Filho do homem.”. “αναβεβηκεν” (anabebêken) é o perfeito de αναβαινω (anabainô=subir); esta forma verbal grega se caracteriza pela permanência do estado da ação ocorrida no passado; é uma espécie de aoristo com presente, ou seja, não simboliza processos evolutivos como se pretende atribuir a Cristo, foi uma ação completa ocorrida no passado e que permanece. Isso justifica alguns manuscritos trazerem ao final do verso a expressão: “que está no céu”. “Céu” aqui simboliza a glória celestial, da qual ele “desceu” (καταβας), katabas é o participio aoristo de καταβαινω (katabainô=descer), e denota que Ele estava se esvaziando (sentido do participio grego) por completo (sentido do aoristo grego), isto se harmoniza completamente com:

Fp. 2,6-7: “o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”.

Essa argumentação seria mais uma além do que nos oferece a exegese, mas sabemos que Jesus chegou ao estado de puro espírito antes mesmo

da formação de nosso orbe terrestre, mas não podemos nos furtar do esvaziar como a perda de sua grandeza espiritual.

Nesta passagem, sendo Jesus 'O Filho do Homem', este veio a dizer que “Ora, **ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem**”. Sendo o diálogo de Jesus e Nicodemos relacionado à reencarnação como uma lei natural, onde é compreensível de que nenhum encarnado na Terra chegou ao grau de espírito puro, senão Jesus que percorreu todos os estágios evolutivos (**subiu ao céu**) chegando ao grau de espírito puro antes da fundação do Planeta Terra e desceu a nossa compreensão (**de lá desceu**), para nos trazer, na época em que esteve em sua ditosa missão na Terra, o Evangelho da redenção e nos elucidar este processo de reencarnação da forma que a Doutrina Espírita (A Consoladora) nos esclarece mais judiciosamente, já que Ele não poderia se estender num assunto, diante de tantos outros, na época em que os “entendidos” ainda não estavam maduros para compreender, bem como, **Tenho ainda muito que vos dizer**, mas vós não o podeis suportar agora; (Jo 16:12). Cabe-nos ao menos o bom senso para aludirmos que Jesus falava de reencarnação com Nicodemos, como sendo uma lei natural a que todos nós estamos sujeitos para o nosso aperfeiçoamento e resgate das faltas (Jo 3:12).

Assim, uma interessante explicação para esta passagem que acabamos de elucidar, quanto a Jo 3:13, o sentido para muitos opositores da reencarnação é de que ninguém subiu ao céu para poder falar com autoridade a respeito das “coisas celestiais”, segundo indica o contexto (v. 11). Só por revelação os homens podem discernir os segredos do céu, nunca especulando quanto a eles, como explica a *SDA Commentary*:

Subiu ao céu – Isto é, nenhum ser humano foi ao céu para conhecer as “coisas celestiais” (vers. 12). Só o Filho do homem, que desceu do céu, ali esteve e só ele pode revelá-las. Não se faz referência aqui à ascensão de Cristo ao céu depois da ressurreição.

A exegese apresentada a esta passagem, que diverge, inclusive da interpretação particular de alguns opositores da reencarnação, nos leva as seguintes (Pv 30:4; Jo 6:33,38; 51:62; 16:28; At 2:34; I Co 15:47 e Ef 4:9-10). Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”, sendo ela após a sua ressurreição e não no momento antes do diálogo com Nicodemos, encontramos as seguintes evidências abaixo. Neste ponto, segue a análise da passagem de Ef 4:7-16, no que tange a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

a. Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.

b. Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes de sua encarnação** (Jo 3:13).

- c. Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).
- d. Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (Jo 3:14; Hb 1:4).
- e. Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.
- f. Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.
- g. Jesus **ascendeu** em espírito.

Analisemos a passagem:

Jo 3,14-15: E do modo por que **Moisés levantou a serpente no deserto**, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna.

Esta passagem está referenciada na Torá, que Jesus cita (Nm 21:9), trazendo o entendimento de que Jesus iria ressurgir e ser levantado, ou seja, subiria ainda mais na escalada evolutiva, onde o seu exemplo de misericórdia no suplício do Gólgota seria como a cura, ou seja, a regeneração da humanidade e, por conseguinte, do planeta Terra governado pelo Mestre Jesus, assim como, Ele: *tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles. (Hb 1:4)*. Diante de toda a explanação, citamos ainda: *para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna. (Jo 3:15)*.

Finalizamos a análise afirmando que o diálogo de Jesus com Nicodemos é sobre a reencarnação e não do nascer de novo do batismo, em virtude do pensamento dos Judeus daquela época e a compreensão que eles tinham sobre o que hoje tem o nome de reencarnação, de que certamente o diálogo de Jesus e Nicodemos é sobre a reencarnação. É bom lembrar que o ritual de iniciação entre os judeus era a circuncisão e não o batismo, bem como a Tevilá que era um ritual similar ao batismo de João, o Batista. Aliás, o único que batizava naquela época era João; entretanto, ele disse que viria alguém maior que ele que iria batizar com fogo, ou seja, o batismo da água não tem tanta sustentação nesta passagem como alegam.

Por outro lado. Jesus não houvera, em nenhum momento, falado de batismo em seu diálogo com Nicodemos. Diante disso, Ele não poderia deixar de citar o batismo para atestar e provar que o diálogo era relacionado a tal; tanto que Ele não o cita no fim do diálogo com Nicodemos, dizendo apenas que todo o que nEle crê (...). Se a passagem realmente fosse sobre o batismo, assim deveria ser o desfecho do diálogo: todo o que nEle crê e for batizado tenha a vida eterna. Dessa forma, fica claro que Jesus não falava de nascer 'do alto' e nem mesmo nascer 'de novo pelo batismo' com Nicodemos e sim da reencarnação. Acreditar ou não é de foro íntimo de cada um, mas *Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça (Mt 11:15)*. (FERRARI. T. T. 2016, p 17-20)

Fim da citação

Percebemos que neste primeiro momento, o pastor não consegue responder a altura do questionamento de Kardec e se agarra a conceitos literais das Escrituras, não percebendo seu real significado e que nós fizemos a gentileza de lhe orientar e esclarecer aos seus leitores. Passemos a sua conclusão nesta sua quinta resposta. Vejamos:

A ignorância não pode falsificar o verdadeiro saber, mas lembremo-nos que de ignorante o Diabo não tem nada. Para nos enganar, o Diabo se finge de “um espírito atrasado”, para que pensemos que tais espíritos existem, e também se finge de “apóstolo Paulo; Anjo Gabriel; João Evangelista; João Batista; Maria, mãe de Jesus” e assim por diante, para que pensemos estar contatando um espírito da mais alta ordem. O Diabo está em condição de imitar quaisquer cientistas. Para se cientificar e certificar da autenticidade desta afirmação, basta lermos o livro intitulado “O Consolador”, fruto da “mediunidade”, do senhor Francisco Cândido Xavier, onde o Diabo, dizendo chamar-se “Emanuel”, fala como um verdadeiro cientista, respondendo com muita sabedoria, às perguntas sabiamente formuladas, acerca das seguintes ciências: Química, Física, Biologia, Psicologia, Sociologia e Filosofia.

Nesta mesma obra, não obstante não ter conseguido esconder o “rabo”, o Diabo, que se auto-intitulou “Emanuel”, entra na área religiosa e fala dos profetas, dos anjos, dos apóstolos, de Jesus Cristo, etc.

Uma natureza má pode imitar a verdadeira virtude, pois escreveu o seguinte, o apóstolo Paulo, em 2 Co 11. 14: “E não é de espantar, porque o mesmo Satanás se transforma em anjo de luz”.

Neste posicionamento do pastor, de classificar o espírito Emmanuel que por meio da psicografia de Chico Xavier que ditou a obra **O Consolador** em 1941, passando por diversos temas citados pelo pastor na primeira parte da obra, tal qual as ciências da química, física, biologia, psicologia, sociologia e filosofia que o pastor não refutou, mas disse que o espírito Emmanuel deixou “o rabo” a apresentar na segunda parte da obra citada sobre o tema religião, em que o autor espiritual elenca os principais temas como vida (aprendizado, experiência, transição), sentimento (arte, afeição, dever), cultura (razão, intelectualismo, personalidade), iluminação (necessidade, trabalho, realização), evolução (dor, provação, virtude) e na terceira parte, Emmanuel conclui, a tratar da religião em específico ao Velho Testamento, Evangelho, Amor, Espiritismo e Mediunidade. Ficamos intrigados em saber onde se encontraria a contradição com os ensinamentos dos Evangelhos que o pastor dirigiu a esta obra e identificou em Emmanuel um demônio que pregou algo completamente destoante do que Jesus nos deixou, registrados nos Evangelhos.



Fizemos questão de citar uma passagem que trata do Amor, contida no capítulo III da terceira parte desta obra, a tratar especificamente da fraternidade. Vejamos:

FRATERNIDADE

342 – A resposta de Jesus aos seus discípulos – “Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos”, é um incitamento à edificação da fraternidade universal?

– Senhor referia-se à precariedade dos laços de sangue, estabelecendo a fórmula do amor, a qual não deve estar circunscrita ao ambiente particular, mas ligada ao ambiente universal, em cujas estradas deveremos observar e ajudar, fraternalmente, a todos os necessitados, desde os aparentemente mais felizes, aos mais desvalidos da sorte.

343 – Nas leis da fraternidade, como reconhecer na Terra, o Espírito em missão?

– Precisamos considerar que o Espírito em missão experimenta, igualmente; as suas provas no trabalho a realizar, com a diferença de permanecer menos acessível ao efeito dos sofrimentos humanos, pela condição de superioridade espiritual.

Podereis, todavia, identificar a missão da alma pelos atos e palavras, na exemplificação e no ensino da tarefa que foi chamada a cumprir, porque um emissário de amor deixa em todos os seus passos o luminoso selo do bem.

344 – O “amar ao próximo” deve ser levado até mesmo à sujeição, às ousadias e brutalidades das criaturas menos educadas na lição evangélica, sendo que o ofendido deve tolerá-lo humildemente, sem o direito de esclarecê-las, relativamente aos seus erros?

– **O amor ao próximo inclui o esclarecimento fraterno, a todo tempo em que se faça útil e necessário.** A sujeição passiva ao atrevimento ou à grosseria pode dilatar os processos da força e da agressividade; mas, ao receber as suas manifestações, saiba o crente pulverizá-las com o máximo de serenidade e bom senso, a fim de que sejam exterminadas em sua fonte de origem, sem possibilidades de renovação.

Esclarecer é também amar. (XAVIER. F. C. 2010, p. 118)

Como bem observamos na mensagem de resposta de Emmanuel, ao qual foi submetido, não identificamos um teor que seria contrário ao que Jesus pregou e em toda a obra criticada pelo pastor há inúmeras exortações à prática do amor, fraternidade e esclarecimento que ficamos com a pulga atrás da orelha, como poderia o diabo, disfarçado de um espírito pregar justamente o que ele é contrário, e que fizemos o destaque nestes pequenos trechos? Certamente o pastor terá que aprender mais sobre estes temas que está com a falta do esclarecimento necessário.

Como resumimos a esta obra sob a forma de perguntas e respostas, Emmanuel

faz, deste livro, um verdadeiro curso de ensinamentos espíritas, tratando de assuntos sempre solicitados pela inteligência e interesse dos que visualizam no Espiritismo sua feição de Consolador prometido por Jesus. Em temáticas que se inscrevem no tríplice aspecto da Doutrina Espírita – ciência, filosofia, religião –, traz valiosas explicações sobre as ciências fundamentais, determinismo e livre-arbítrio, fatores sociais, educação sexual, mediunidade e outros de inquestionável valor doutrinário. Suas conceituações se revestem de sabedoria e trazem a chancela do bom senso e da autoridade moral do autor espiritual. Esperamos que o pastor nos indique onde está sendo pregado o ódio, a vingança, o ciúme, o orgulho e demais chagar da humanidade através desta obra ditada pelo espírito de Emmanuel.

Novamente o pastor dá uma pinçada na passagem de (2Co 11,14), mas ignora o verso posterior (v. 15) onde os ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Dessa forma, esclarecemos mais uma vez o pastor e seus leitores. Vamos a mais comentários do pastor. Vejamos:

Allan Kardec admite, como podemos ver através da 5ª pergunta, “que a ignorância pode imitar o verdadeiro saber e uma natureza má, imitar a verdadeira virtude”, mas nunca “sem deixar vestígio que denuncie a fraude”. Ora, o Diabo, quando demonstra a sua sabedoria, não pode deixar vestígio de ignorância, porquanto, à luz da Bíblia (Ez 28. 11-19), de ignorante ele não tem nada. Quanto à objeção de que “uma natureza má não pode imitar a verdadeira virtude sem deixar vestígio que denuncie a fraude” respondo que eu também penso assim. Mas quem disse que os espíritos que se manifestam nos centros espíritas, dizendo-se apóstolo Paulo; João, O Batista; O Espírito da verdade; João Evangelista; São Luiz..., não deixam vestígios de que são fraudulentos? Allan Kardec não enxergou esses vestígios, mas eles existem. Ou pensam os espíritas que nós, os evangélicos, criticamos a tais espíritos gratuitamente? Não é assim. Afirmamos que tais espíritos são demônios, porque temos conseguido, com a ajuda de Deus, pela instrumentalidade da Bíblia, enxergar o “rabo” deles. Senão vejamos: Como podemos crer que Deus nos enviou o espírito do apóstolo Paulo, para o consultarmos, se Ele (Deus) mesmo proibiu a consulta aos mortos? Como podemos crer que esses espíritos são bons, se eles negam o perdão, dizendo que o perdão de Deus não significa o olvido dos pecados, mas apenas forças para que os reparemos, quando a Bíblia diz com clareza que os pecados daquele que se entregou ao Senhor Jesus estão esquecidos por Deus, por terem sido reparados pelo sacrifício substitutivo efetuado por Jesus, lá na cruz? (Mq. 7: 19; Hb. 10:17,18, etc). Porventura, estas contradições entre a Bíblia e tais espíritos não constituem fortes vestígios de que são demônios? Só não enxerga isto quem não quer enxergar. Tenho enxergado, ó kardecistas, os “pés de pato”, as “asas de morcego”, os

“chifres”, as “caudas” e os “garfos” desses espíritos e eis a razão porque os denuncio.

Agora entramos no terreno que é a base do pastor, em acreditar na queda de satanás contida em mais um texto pinçado pelo pastor em (Ez 28,11-19). Ocorre que este contexto de (Ez 28,1-23) diz claramente sobre o tema: **Contra o rei de Tiro** e nada além disso. Acreditar na queda de satanás é forçar o texto em que ele não pode oferecer. Recorreremos agora a mais um artigo, de nossa autoria, que tem o título de: **Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?** Vejamos:

Diante do exposto, percebemos que a serpente não tem nenhuma relação com a serpente e que o primeiro registro do surgimento de satanás está no livro de I Cr 21:1 e também em Jó em 538 a.C. que ele decorria de influência do zoroastrismo, religião persa que foi assimilada por muitos os hebreus enquanto estiveram sob domínio persa, ao qual citamos a obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” do professor Severino Celestino.

Satanás

Satanás é uma figura muito controversa na Bíblia. A palavra ‘Satã’ significa acusador. Aparece, pela primeira vez no livro de Jó, sendo como um promotor celestial. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no “Céu”, de ir e vir livremente e dialogar com Ele, torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 “Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles”.

O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu, tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 a.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados. A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo.

No Zoroastrismo, existe o Deus supremo “Ahura-Mazda” que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como “Angra Mainyu, ou Ahriman”, “o espírito mau”. Desde o começo da existência, esses dois espíritos antagônicos têm-se combatido mutuamente. O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. No fim, haverá punição para os maus, e recompensa para os bons.

E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um “Ahriman”, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de “Satanás”. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico,

do ano de 538 a.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia Satanás. Os sábios judaicos interpretando o Eclesiastes 10:11, afirmam (**Pirkei de Rabi Eliezer 13**), que na verdade, a cobra que seduziu Adão e Eva era o Anjo Samael que apareceu na terra sob forma de serpente. E que Ele é conhecido como o “dono da língua”. O Anjo Samael, que apareceu sob a forma de serpente, usou sua língua, e este poder pode ser usado somente para dominar o sábio. Ele não pode prevalecer sobre um ignorante.

Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israel o seguinte: **“A cólera de IAHVÉH se inflamou novamente contra Israel e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israel e Judá”**. Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa com o já conhecimento de **“Ahriman”**, – **“Satanás”**. No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: **“e levantou-se Satã contra Israel, e excitou David a fazer o recenseamento de Israel”**. Portanto, o que era **IAHVÉH** no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).

Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa. Passa a existir a partir daí, **“uma lenda”** entre o povo judeu de que Satanás é considerado como o rei dos demônios, que se rebelara contra Deus sendo expulso do céu. Ao exilar-se do céu, levou consigo uma hoste de anjos caídos, e tornou-se seu líder. A rebelião começou quando ele, Satanás, o maior dos anjos, com o dobro de asas, recusou prestar homenagem a Adão. Afirmam ainda que esteve por trás do pecado de Adão e Eva, no Jardim do Éden, 4 mantendo relação sexual com Eva, sendo portanto, pai de Caim. Ajudou Noé a embriagar-se com vinho e tentou persuadir Abraão a não obedecer a deus no episódio do sacrifício do seu filho Isaac. Muitas pessoas acreditam no poder de Satanás e até o enaltecem em suas igrejas, razão pela qual, acharmos que seriam fechadas muitas igrejas se os seus dirigentes deixassem de acreditar em Satanás. (SILVA, 2001, p. 277-283) (grifo nosso).

Percebemos que o termo satã nada mais é do que adversário e podemos identificá-lo na passagem em que Jó é tentado, ou provado por ele, vejamos:

Jó 1,6-12: “Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse

a Satanás: 'Donde vens?' –'Dei umas voltas pela terra, andando a esmo', respondeu ele. O Senhor lhe disse: 'Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se agasta do mal'. Satanás respondeu ao Senhor: 'Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto!' Então o Senhor disse a Satanás: 'Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!' Mas Satanás saiu da presença do Senhor".

Já que satã é uma lenda persa, incutida na cultura hebreia através do convívio com a cultura persa, onde se encontraria a base da ideia dos anjos caídos que é defendido por muitos cristãos? Vemos que no livro de 2ª Pedro e Isaías encontramos a evidência. Vamos analisar agora a tradução em Isaías 14 e II Pedro 1,19 e ver onde se encaixa o termo Lúcifer, verificando o seu real significado. Vejamos:

2 Pe 1,19 Et habemus firmiorem propheticum sermonem: cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et **lucifer** oriatur in cordibus vestris: (VULGATA LATINA, p. 1487)

2 Pe 1,19 Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a **estrela da manhã** se levante em vossos corações.

Percebemos que no texto de 2ª Pedro apresentado não se trata de um ser que caiu, ou como queiram muitos crer neste dogma, já que quando Pedro diz que "**estrela da manhã se levante em vossos corações**", não poderia ele induzir que satanás, ou Lúcifer deveria crescer nos corações dos primeiros cristãos. Vemos que no livro de Isaías encontramos a evidência, vejamos:

Is 14,12-15 Quomodo cecidisti de cælo, **Lucifer**, qui mane oriebaris? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes? Qui dicebas in corde tuo: In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus aquilonis; ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo? Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum laci. (VULGATA LATINA, p. 849)

Is 14,12-15: "Como caíste do céu, **ó estrela d'alva**, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: 'Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo'. E, contudo, foste

precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo”.

Satã não é Lúcifer mencionado em Is 14,12, pois Isaías se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem inicia-se no capítulo treze, que assim diz: **“Sentença que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amós, contra a Babilônia”.** (Is 13,1). Sentença que se proferia contra a Babilônia e não a um anjo que, inclusive, já houvera caído, segundo os que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos “olhos” do Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opor contra Javé.

Analisando, dentro da concepção judaica, lemos:

Yeshayahu (Isaías) 14:12 ---"ekh nafaleta mi.shamaîm neyel ben-shachar nigda'eta la'aretz cholesh 'al-goyim."---

---“que! Tombada dos céus, astro filho da conjuração. Tu ejetado para a terra, ó vencedor de nações!

O termo – neyel ben-shachar – também pode significar – brilhante filho da Aurora ou Alva. Na LXX reza “heosforos = aquele que traz a Aurora”; já Vulgata (Latin) é traduzido por “Lucifer = portador da Luz”, ou seja aquele que porta a claridade, mas que não a possui. Na mitologia de Ugarit é associado a “deidade Attar”, concorrente de Ba'al.

No Oriente Antigo, era comum a observação dos astros e estrelas, e este texto faz alusão ao planeta Vênus, que na época era confundido com mais uma estrela (talvez por falta dos instrumentos modernos), assim o identificavam, porém a TaNaKh nos revelava que se tratava de uma “Falsa Estrela”; pois uma estrela possui luz própria; enquanto Vênus reflete a Luz do Sol, assim como a Lua, é o espelho do Sol e também traz claridade a Noite. ^[1]

No livro de Ezequiel, existe também a alusão da queda de um querubim, ao qual transcrevemos abaixo:

Ez 28:11-19 *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor DEUS: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim*

cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.

É importante frisar que o profeta está predizendo a queda do rei Tiro, assim como lemos “**levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro**”. Embora alguns isolem os versos 13 e 14 e aludem também a um querubim, ou Lúcifer (satã), igualmente em Isaías 14. Contudo, o verso 12 anterior é importante ser citado e testificado que a profecia refere-se ao rei Tiro, sua soberba e futura queda. (FERRARI. T. T. 2013, p. 1-4)

Sabemos que há um tópico específico que o pastor tratará deste assunto sobre satanás e os demônios, mas já nos adiantamos, pois encontramos uma referência dele quanto ao tema em (Ez 28,11-19) completamente descontextualizada e que fizemos a definição e desconstruímos a base dele em uma crença que não passa de um mito, onde ele atribui aos espíritos manifestantes nas sessões espíritas como demônios e que num exame apurado, encontramos a verdadeira conceituação dentro das Escrituras sem nenhum respaldo a queda de seres angelicais que se rebelaram contra Deus.

Acerca da consulta aos mortos, incansavelmente já expomos nossa tese central anteriormente e Deus não poderia proibir algo que não acontece, mas para o pastor Ele proibiu sim, já que segundo sua visão, são os demônios que ali se manifestam. Argumentamos exaustivamente este tema e não tocaremos nele mais, pois julgamos desnecessário tentar provar que não se proíbe algo que não acontece. Ao que o pastor sugere sobre perdão das ofensas, seus argumentos gravitam no conceito de que os espíritos se identificam como demônios, devido ao fato de que não atribuem ao sangue de Jesus o perdão de nossos delitos, por efeito substitutivo, tal qual ele sugere em (Mq. 7,19; Hb 10,17-18, etc).

No primeiro momento quando o pastor cita o profeta Miqueias, ele pinça o texto de (Mq 7,19) como se referisse ao sacrifício vicário do Cristo, mas num exame apurado de seu contexto em (Mq 7,18-20) trata do tema central de **apelo ao perdão divino** que é exclusivamente a salvação de Israel pela aliança. Já encontramos uma dissonância na outra pinçada do pastor em citar (Hb 10,17-18) que está dentro do contexto de (Hb 10,11-18) a tratar do tema **a eficácia do sacrifício de Cristo** que é uma recomendação anterior ao verso (v. 16) ignorado pelo pastor, que as leis estão no coração e inscritas

em sua mente, havendo remissão de pecados (v. 17) não necessitando mais de sacrifícios no Templo de Jerusalém (v. 18), que através de um equívoco, o pastor desconstrói todo o contexto deste texto para dizer que nossos delitos estão perdoados e que os espíritos contradizem esta máxima que é justamente a crença no sacrifício vicário, numa má interpretação deste texto que diz claramente que o sacrifício de Jesus substituiu aos sacrifícios da lei que não possuem mais eficácia de perdoar pecados.

Mais uma vez percebemos o pastor forçando textos para combater o Espiritismo, mas de uma forma inábil para o leitor atento. Passemos agora a sua conclusão, em sua resposta ao quinto questionamento de Kardec. Vejamos:

Eu disse acima que, segundo os espíritos que se comunicavam com Kardec, o perdão dos pecados não significa o olvido (“olvido” é um vocábulo arcaico e significa “esquecimento”) dos mesmos, mas sim, forças para que os repararemos. E, para que o leitor veja que de fato as coisas são assim, veja esta cópia:

“Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, mas tampouco recompensaria. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincidirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação” (O Evangelho Segundo o Espiritismo. Federação Espírita Brasileira, 112ª edição, capítulo X, nº 17, página 179)

Encontramos mais uma vez uma pinçada do pastor numa mensagem da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, constante no capítulo X que é sobre o tema *bem-aventurados os que são misericordiosos*, mais especificamente no item 17 ao qual citaremos a mensagem na íntegra, para extrair dela o seu sentido sem cortes e citações levianas para levar os leitores ao erro. Vejamos:

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros.

Sustentai os fortes: animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos

olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendi todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hão ofendido.” Compreendi bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas principalmente o ensino que ela veste.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, *mas tampouco recompensaria*. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincidirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis com o estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, porquanto, as mais das vezes, muito transparente é esse véu para os olhares vossos. Levai-lhes, simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis fizesse o vosso Pai celestial por vós. Substituí a cólera que conspurca, pelo amor que purifica. Pregai, exemplificando, essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a, como Ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito.

Segui esse modelo divino; caminhei em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como Ele, carregai todos vós as vossas cruces e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. – *João*, bispo de Bordeaux. (1862.) (KARDEC. A. 2019d, p. 149-150) (grifo nosso)

Esta mensagem do espírito do bispo João de Bordeaux tem em seu tema central a oração do pai-nosso proferida por Jesus no sermão da montanha, especificamente o trecho que trata sobre “*Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hão ofendido*” e que sabiamente, ou levemente o pastor omitiu de seus leitores o cerne da mensagem que é justamente o pensamento que necessitamos perdoar ao nosso próximo, a fim de angariar o perdão do Pai. Em nada está dizendo sobre o sacrifício vicário e muito menos passando o conceito que seja diferente do que o Mestre nos ensinou, principalmente sobre a oração dominical.

Extraír deste texto o que ele não oferece, significa falta de bom senso e uma incoerência demasiadamente grande, diante do teor da mensagem que não é a negação

do perdão divino às ofensas, mas a condição de reciprocidade de atitude, reparação e mudança de conduta através da *metanoia*. Encerramos, portanto, a análise das respostas do pastor ante a quinta pergunta de Kardec e percebemos que esta permanece de pé, sem alguém que possa respondê-la, senão o pastor em se utilizar de trechos isolados da Escrituras e cortes desonestos da codificação, a fim de combater a Doutrina Espírita. Passemos agora a sexta pergunta de Kardec a resposta do pastor. Vejamos:

Sexta Pergunta: “Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, o demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo”.

Resposta: A resposta a esta pergunta foi dada pelo apóstolo Paulo em 2 Co 11.14: “Não é de admirar; pois o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”. O Diabo recomenda que se ore a Deus, mas como ele nunca consegue esconder o “rabo”, recomenda também que se ore ao “anjo guardião” e aos “espíritos protetores” (cf.: “**O Evangelho Segundo o Espiritismo**”, capítulo 28, número 11, § 2 e 4).

Por ter ficado sem resposta lógica, novamente o pastor dá uma pinçada na passagem de (2Co 11,14), mas ignora o verso posterior (v. 15) onde os ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Dessa forma, o contexto ao qual Paulo se refere (2Co 11,1-33) é sobre apresentarem a Corinto um falso Jesus e equivocado Evangelho que em nada tem a ver com o conteúdo da pergunta de Kardec. Entretanto, vemos mais uma citação pejorativa do pastor em que há a recomendação que se ore a intervenção dos espíritos protetores, vejamos a obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e seu contexto no capítulo XXVIII, item 11, que trata da *coletânea de preces espíritas*.

II – Preces por aquele mesmo que ora

Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores

11. Prefácio. Todos temos ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-

se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que *se afastam, reconhecendo-se impotentes para lutar contra a nossa vontade.*

Deus, em nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Fora erro, porém, acreditarmos que *forçosamente*, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus

Espíritos acorrem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de nós depende o afastamento dos maus.

Sendo, por suas imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, as mais das vezes, o seu próprio mau gênio. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar-lhes a intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam nas contingências da vida. (KARDEC. A. 2019d, p. 337-338) (grifo nosso)

Não tendo nada a dizer, o pastor se enrola afirmando que o diabo deixou o rabo exposto, recomendando que se ore ao espírito guardião, conforme a citação dele nos parágrafos 2 e 4 da obra citada. Ocorre que quem recomenda é Kardec e não um

espírito. Aí perguntamos, da onde o pastor tirou essa informação? Nos parece que copiou de algum lugar que não tenha sido a fonte do ESE e que trouxemos na íntegra que em nada arranha o teor profundo da reflexão de Kardec. O pastor precisa estudar mais e conferir na fonte para não cometer essas incoerências, mas ele continua a disparar suas observações. Vejamos:

O Diabo aconselha que nos submetamos à vontade de Deus, mas não revela qual é esta vontade. Por exemplo, está escrito que a salvação é pela graça, por meio da fé, que não vem de nós, não vem das obras, e que é dom (presente) de Deus (Ef 2. 8,9), mas Satanás tem ensinado o contrário aos espíritas. Senão, vejamos: Em o livro espírita intitulado **“Páginas de Espiritismo Cristão”**, capítulo 7, página 26, podemos ler o que se segue: “Afirma a teologia, que os homens são filhos do pecado, maus desde a origem e, portanto, incapazes de se salvar a não ser pela graça. Já o Espiritismo sustenta que eles são filhos de Deus, essencialmente bons e, como tais, suscetíveis de alcançarem a perfeição” (salvação, na linguagem espírita) “pelo próprio esforço e merecimento”. (O que está entre parênteses é meu).

O primeiro ponto levantado pelo pastor é justamente a passagem isolada de Paulo a nos dizer que a salvação é gratuita e por meio da fé (Ef 2,8-9). Conceitualmente, Jesus diversas vezes, ao curar os enfermos, dizia, sua fé te salvou, ou seus pecados estão perdoados, fazendo referência a lei de causa e efeito das existências pregressas como salientamos o fato do cego de nascença e do homem coxo neste último caso, mas que retomares estes exemplos a dissertar sobre a reencarnação.

Encontramos diversas referências a este respeito e é importante salientarmos que o conceito de salvação, à época do Cristo era justamente a cura das enfermidades, senão não havia razão de Jesus dizer a diversas pessoas deficientes que a fé delas os havia salvado. Portanto, o pastor precisa rever seu conceito de salvação, com a mente crítica transportada à época de Jesus e como os primeiros cristãos a viam. Para fundamentarmos nossa tese, vamos recorrer a outro artigo, de nossa autoria, que se intitula de ***A fé sem obras está morta***, ao qual trará neste trecho um importante embasamento a esta questão. Vejamos:

O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago

Neste tópico abordaremos a visão de Paulo e de Tiago, mediante o conceito de fé e obras que ambos tinham, a quem eles se dirigiam e a palavra final de Jesus. Alguns que aceitam a graça pela fé apenas ignoram o pensamento deste apóstolo que tanto contribuiu para pregar a essência dos ensinamentos de Jesus, sem contradizer o combate de Paulo contra o farisaísmo e o apego às liturgias Judaicas de sua época.

Segundo esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas, eles dizem que “o apóstolo Tiago realça muito mais as obras do que os outros escritores bíblicos”. Com isso, encontramos na epístola de Tiago:

*E sede **cumpridores da palavra**, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito. Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua, antes engana o seu coração, a religião desse é vã. **A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.** (Tg 1:22-27)*

Prática das obras ou da fé? Tiago não deixa margem para nenhuma dúvida de que os “**cumpridores da palavra**” são os que praticam as boas obras. Essa colocação de Tiago é muito interessante: “**A religião pura e imaculada para com Deus é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo**”, ou seja, prática do amor ao próximo pela realização dos atos de caridade. E Tiago também diz:

*Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a **lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo**, bem fazeis. (Tg 2:8).*

Após esta introdução, os que aceitam a graça pela fé apenas não satisfeitos, entendem que “obras, biblicamente falando, não são apenas as com o intuito de amor ao próximo, uma vez que Abraão não fez obra alguma ao próximo, e, sim, a Deus”. No segundo capítulo desta epístola, Abraão não realizou nenhuma obra ao próximo, porém, esta referência de Tiago era como uma alusão ao que o mesmo abre em seu capítulo com a seguinte **exortação da caridade para com o próximo**:

*Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? **Pode, acaso, semelhante fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.** (Tg 2:14-17).*

Na abertura desta exortação de Tiago, não há dúvidas de que ele enfatiza a caridade como uma expressão de amor ao próximo e este é o nosso entendimento, sendo o mesmo do apóstolo Tiago. Entretanto, para alguns que aceitam a graça pela fé apenas, Tiago “parece ensinar que a salvação é pelas obras, e não pela fé”. Ora, parece? Contudo a resposta

do apóstolo diz o oposto:

verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. (Tg 2:24)

Todavia, para que aceitam a graça pela fé apenas “isto é só aparência, é tão somente a fé que justifica. Tiago ao dizer o que disse, não soube se expressar e na verdade quis dizer o contrário”. Na tentativa de fundamentar este argumento, esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “o próprio Lutero teve por um tempo este seu mesmo engano”. Engano? Vejamos que o próprio Lutero, ao elaborar as sua 95 teses, não foi contra as boas obras de caridade, mas principalmente contra o abuso da Igreja Católica, tornou-se público e notório o desvirtuamento da essência do Evangelho, descambando para a cobrança das indulgências. O que Lutero realizou foi insurgir contra a própria Igreja diante deste abuso e outros mais, enfatizando o desmerecimento da epístola de Tiago por haver este “desvio”.

Ao vermos a **21ª tese** de Lutero, viemos a encontrar:

Erram, portanto, os pregadores de indulgências que afirmam que a pessoa é absolvida de toda pena e salva pelas indulgências do papa.^[1]

Em consonância com as teses 23, 24, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 42, 43, 44, 52, 53, 59, 62, 65, 66 e 67. Todas estas teses são veementemente **contra as cartas de indulgência** e não contra as boas obras. O que defendemos é que o mesmo abuso das indulgências, realizadas pela Igreja Católica na Idade Média, numa analogia, estes desvirtuamentos vêm sendo repetidos em muitas Igrejas Protestantes nos dias de hoje, com a ambição da arrecadação de dízimos e ofertas, angariando templos suntuosos e enriquecimento ilícito de muitos que se aproveitam. Não estamos generalizando, mas documentando um fato para que os cristãos que são sérios venham a se insurgir contra tais atos, assim como Lutero o fez com a cobrança das indulgências, denunciem estes que venham a realizar tais desvirtuamentos.

Passando adiante, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “Paulo fala da fé para a **Salvação**, enquanto Tiago mostra as boas obras como **resultado** desta mesma fé”. De tudo não é verdade, pois Paulo se dirige aos que não têm a mesma fé que a dos cristãos primitivos, já que ele se dedica em sua maioria aos gentios e judeus que não acreditavam no messias e se apegavam aos devaneios do materialismo e das liturgias judaicas, sem esquecer-se das pregações e exortações aos cristãos primitivos.

O apóstolo Paulo enfatiza não a fé para a salvação, mas a Graça que é por meio da fé e das boas obras que iremos angariar a salvação, senão, se for por meio da fé somente, não haveria como sermos salvos, já que **a fé sem obras está morta** e foi isso que Tiago enfatizou, quando disse que:

verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé

somente. (Tg 2:24)

assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2:26).

Paulo prega a graça que vem por meio da fé e é consumada através das boas obras, e assim chega-se à salvação. Já Tiago prega a justificação pelas obras e não pela fé somente, trazendo assim o foco do tópico de que **a fé sem obras é morta** e conseqüentemente **não pode gerar como resultado a salvação**, já que a fé sem frutos é inoperante.

Continuando, caro leitor, os que aceitam a graça pela fé apenas pregam que: “O próprio apóstolo Paulo, em uma de suas cartas, junta o ensino dele com o de Tiago”:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **iremos realizar a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprisadas do escrito anteriormente.

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **“amor ao próximo”**.

Ademais, realistamos o seguinte questionamento aos que aceitam a graça pela fé apenas, com o fito de obtermos uma resposta: A fé extraída da citação de Paulo é uma fé **com obras** ou uma **fé sem obras**? Iremos demonstrar nas linhas abaixo o que entendemos sobre tal assunto, versando sobre o contexto de Ef 2:8-10 e Tg 2:14-26, a fim de juntá-los e chegarmos ao veredicto. O apóstolo Paulo diz que:

*pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; **não vem das obras**, para que ninguém se glorie. (Ef 2:8)*

Neste ponto, Paulo deixa claro que o homem é justificado pela fé. Por outro lado, afirma o apóstolo Tiago que:

verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. (Tg 2:24)

Com efeito, segundo Tiago, uma pessoa **é justificada por obras** e não apenas pela fé. Chegamos à seguinte conclusão, segundo Paulo, o homem é justificado pela fé sem obras e segundo Tiago o homem é justificado pelas obras. Se ambos os textos forem referentes às mesmas boas obras, estamos diante de uma contradição, mas se Paulo se referia às obras da legalidade judaica e Tiago às boas obras, entendemos que ambos não falavam das mesmas obras e que os textos não se contradizem. Se os que aceitam a graça pela fé apenas sustentarem a sua tese de que eram as mesmas obras que os apóstolos se referiam, não somos nós que laboramos em erro e há um grande problema de contradição textual para que eles, os que aceitam a graça pela fé apenas resolvam.

Finalizando a minha abordagem sobre tal tema, a fé só existe se existirem obras. Sendo as boas obras um fim universal, logo chegaríamos à salvação, ou a graça concedida por Deus através da prática da moral contida no Evangelho, sabendo que estas mesmas obras viriam a ser ensinadas por Jesus, e os seus ensinamentos morais são universais. (FERRARI. T. T. 2013, p. 11-15)

Fim da citação

Como podemos observar, o conceito de obras e fé é bem abrangente e se isolarmos algum trecho das Escrituras, daremos a ela uma interpretação unilateral, ignorando todo o contexto. A nosso ver, expomos apenas um ponto específico em tratar de fé e obras por Paulo e Tiago, mas a sanção é do Mestre e ele nos asseverou que será dado **a cada um segundo as suas obras** como caráter de julgamento, bem como exortou Zaqueu, ante sua salvação pela mudança de comportamento, em restituir a quem houvesse prejudicado, bem como diversas ocasiões em que seus discípulos remataram em dizer que **a fé sem obras está morta**. Enfim, não é satanás que diz que a salvação é pelas obras, mas o próprio Cristo. O pastor precisa rever seus conceitos e deixar de ser tão incoerente.

Não bastasse isso, além de isolar uma passagem de Paulo, sem a análise acurada de tudo o que já expomos, no quesito de fé e obras, o pastor isolou novamente um trecho do capítulo sete da obra ***Páginas de Espiritismo Cristão*** do autor Rodolfo Calligaris, de forma bem desonesta e completamente justificada aos seus interesses em detratar a Doutrina Espírita, mediante suas credices fundamentalistas, ao qual recorreremos ao contexto e extrair do texto deste autor, a sua mensagem central. Vejamos:



7 Cristo Redentor

O fato de o Espiritismo não aceitar como verdadeira a história da “queda do homem”, pelo menos em sua interpretação tradicional, pode dar a ideia de que negue, também, os méritos de Jesus-Cristo como nosso Salvador, o que não é exato.

O conceito espírita de salvação é que diverge profundamente daquele esposado pela Teologia.

Senão, vejamos:

Afirma a Teologia que os homens são filhos do pecado, maus desde a origem e, portanto, incapazes de se salvarem a não ser pela graça.

Já o Espiritismo sustenta que eles são filhos de Deus, essencialmente bons e, como tais, suscetíveis de alcançarem a perfeição pelo próprio esforço e merecimento.

A Teologia dogmatiza ter sido indispensável o sacrifício de Jesus para que Deus viesse a perdoar à Humanidade pelo pecado de Adão e Eva.

O Espiritismo elucida que, se era propósito de Deus conceder tal perdão, não precisava subordiná-lo ao sofrimento de um inocente, ainda que este se oferecesse espontaneamente para isso. Esse Deus que nos manda perdoar sem condições nossos ofensores, tantas vezes quantas sejam as ofensas recebidas (Mat., 18:22; Luc., 17:4), seria menos misericordioso que os homens?

A Teologia faz a salvação do gênero humano depender exclusivamente da morte do Cristo, colocando em segunda plana seus ensinamentos e os feitos marcantes de sua vida.

O Espiritismo, ao contrário, dá mais ênfase a estes, considerando aquele apenas o coroamento de sua missão. Com efeito, Jesus-Cristo se fez carne entre nós a fim de libertar-nos da ignorância e levar-nos à edificação do “reino dos céus” em nossos próprios corações. Para tanto, deu-nos a conhecer a lídima interpretação do Código Divino, todo ele calcado no Amor, e, no cumprimento de seu messiado, exemplificou-o até às últimas consequências, suportando estoicamente a perseguição e o flagício na cruz, para oferecer-nos, em seguida, com suas manifestações tangíveis, a

prova histórica e indestrutível da Imortalidade. Mostrou-nos, através do Evangelho e de sua vivência, “o caminho da Verdade e da Vida Eterna”, para que, seguindo-lhe as pegadas, chegássemos igualmente à meta final de nossos destinos, tornando-nos unos com ele, como ele já o é com o Pai Celestial. Foi, portanto, a sua vida admirável que nos beneficiou, e não a sua morte, se é que se pode usar este termo com relação a alguém cujo corpo nem sequer conheceu a corrupção.

Ainda segundo a Teologia, após sua breve existência terrena, Jesus-Cristo, sem mais nada a fazer, teria subido às mansões celestiais, ocupando um assento à direita de Deus, onde aguarda o final dos tempos para vir julgar os vivos e os mortos, quando, então, premiará uns poucos eleitos com a bem-aventurança e condenará 03 outros (a maioria) às penas eternas. Resultado melancólico, que não se coaduna com sua bondade, não condiz com sua sabedoria, e, se verdadeiro fosse, implica* ria tremendo fracasso.

O Espiritismo, inversamente, ensina-nos que, conquanto não seja Deus, e sim um Espírito sublimado, Jesus-Cristo é o governador de nosso planeta, a cujos destinos preside desde a sua formação. “Tudo (na Terra) foi feito por ele, e, nada do que tem sido feito, foi feito sem ele”, diz-nos João, **3:1**. Pastor dedicado e extremoso, prometera que, “das ovelhas sob sua guarda, nenhuma se perderia” e, fiel a essa promessa, tem estado e continuará sempre atento aos sucessos deste mundo, assistindo carinhosamente os terrícolas. Em nossa marcha evolutiva, em cujo mister não descansará até que nos veja, TODOS, a salvo e felizes, no aprisco do Senhor.

Destarte, longe de subestimar a figura excelsa do Cristo, a Doutrina Espírita é a única que lhe faz plena justiça, ressaltando-lhe a infinita abnegação e o caráter de autêntico Redentor da Humanidade. (CALLIGARIS. R. 2000. P. 12-13) (grifo no original e sublinhado nosso)

Fizemos questão de citar o contexto da obra citada, devido ao fato que o pastor contrapôs o que Paulo disse em (Ef 2,8-9) em oposição ao texto que sublinhamos, mas o pastor omitiu todo o contexto dessa obra, citando o Evangelho e dos ensinamentos do Cristo de um conceito bem mais abrangente de salvação, concomitantemente a assertiva do Mestre que nenhuma ovelha confiada a ele se perderia. Diante de tudo o que expusemos, trazendo a lume todo o contexto ignorado pelo pastor e sancionado pelo Cristo, entendemos que a cada um de nós, **será dado conforme suas obras**. Vamos prosseguir a exposição de mais incoerências do pastor. Vejamos:

O homem que suporta sem queixas as tribulações da vida, mas não aceita a Jesus Cristo como seu único e todo suficiente Salvador pessoal (isto é, não reconhece que o sacrifício de Jesus é substitutivo, e que, portanto, o Seu sangue o pode purificar de todo o pecado, quitando-o

para com Deus, bastando para tanto que ele se declare dependente da Cruz de Cristo para a sua salvação, é semelhante um réu que foi condenado à força, mas não reclama do júri e nem do juiz: nem por isso deixará de ser enforcado.

Ora, dedicar-se à oração não endereçada exclusivamente a Deus, conforme nos ensinou Jesus (Mt 6.9), mas também ao “anjo guardião” e aos “espíritos protetores”, conforme ensinou Allan Kardec, não é submeter aos conselhos de Deus, não é praticar todas as máximas do Cristo, nem tampouco isto representa uma arma contra o império de Satanás, porém, muito pelo contrário. Satanás sabe que se o homem não se lavar no sangue do cordeiro de Deus, jamais se salvará, por mais que ele seja abnegado, resignado, caridoso... Por este motivo ele entrete os incautos com religiões alienadas da Cruz de Cristo (Hb 9:22b) e cheias de fachadas. Do exposto se pode ver que de inábil Satanás não tem nada e que ele não forneceu nenhuma arma contra si mesmo; pelo contrário, disfarçando-se em anjo de luz, conseguiu enganar o inteligentíssimo Allan Kardec e, através deste, muitos milhões de pessoas pertencentes às mais diversas camadas sociais: do iletrado aos grandes gramáticos e cientistas.

Como bem observamos anteriormente, diante de todo o contexto ignorado pelo pastor, não tendo resposta a esta sexta pergunta de Kardec, julga ele que satanás não fornece armas contra si mesmo, orientando-nos a orar pelos que nos perseguem, perdoar as ofensas, praticar a moral do Cristo em sua maior pureza e amar o próximo como a nós mesmos, já que segundo o pastor é mais importante o sangue de Jesus a todas essas recomendações, e pior, quando Kardec observa que podemos recorrer, em oração, ao nosso “anjo guardião”, virá ao nosso encontro satanás e não quem nós rogamos, pois na cabeça do pastor, os nossos protetores espirituais não passam de demônios, mas pelo conceito que já expusemos, que foi ignorado pelo pastor, é de que os espíritos ministradores são emissários de Deus em realizar suas ordenanças, e uma delas é assistir a humanidade em seus maus momentos, atendendo ao nosso chamado.

Entretanto, não tendo como responder à altura do que Kardec propõe, lança-se anátema diante de um dogma do sacrifício vicário, suplantando até mesmo à prática do Evangelho que os espíritos nos recomendam em sua conceituação moral que é muito mais importante ao nosso crescimento, do que a crença em dogmas por demais ultrapassados. Estes mesmos dogmas nos levam muito mais as formalidades do cristianismo do que a mudança de atitude que foi a proposta do Cristo e que parece, o pastor a ignora! Em contrapartida a tudo o que o pastor se fundamentou, o próprio autor da epístola aos Hebreus conceitua que todos os anjos são espíritos ministradores da parte de Deus (Hb 1,14) e parece que ele enfoca em tentar levar seus leitores ao erro, julgando que se estes emissários da parte de Deus ministram todo o amor que Jesus

pregou, exarados na codificação espírita, não passam de demônios, pois não confirmam a sua ortodoxia que evidencia muito mais a crença nos dogmas do que a prática deste amor vivenciado pelo Cristo. Vamos agora a resposta do pastor a sétima pergunta de Kardec.

Sétima Pergunta: “Pois que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não é mais lógico admitir-se que umas, Deus as permite para nos experimentar, e as outras para nos aconselhar ao bem?”

Resposta: Não existe no Espiritismo as boas comunicações, mas somente as más. Como bem o diz o adágio popular, “nem tudo que reluz é ouro”. Quando se quer pegar uma galinha, não se pode dizer “xô”, pois doutro modo ela se sentirá enxotada e fugirá. Quando se quer pegar uma galinha, joga-se milho ao chão. Pois bem, é exatamente isso que Satanás faz com os espíritas: dá-lhes o “milho” dos “bons” conselhos para que eles pensem que ele é um bom espírito, e assim continuem escravizados por ele. Tal escravidão se concretiza da seguinte maneira: Dando o Diabo “bons” conselhos (digo “bons” entre aspas, porque tais conselhos não são realmente bons), os espíritas se convencem que estão no caminho certo, e não descobrem que são membros dum sistema satânico, até ao dia em que partirem deste mundo (Pela morte), e ingressarem no Inferno, quando então será tarde demais, pois o Senhor Jesus só perdoa pecados na Terra, ou seja, antes de morremos (Mc. 2:10). Depois da morte será tarde demais (Tg 2:13; Lc 16:26; Ap 20:15; 22:11).

Para nos aconselhar ao bem, Deus deixou-nos as Escrituras Sagradas, as quais nos falam da atuação do Espírito Santo, que é a terceira Pessoa da Trindade (Jo 14 e 16) e também da atuação dos anjos (At 8:26; 27:24). É possível que as manifestações dos demônios sejam permitidas por Deus para nos pôr à prova, mas sendo ou não, o autor destas linhas já escapou, e o leitor, se ainda não se livrou, pode sair dessa arapuca de Satã hoje mesmo, escondendo-se sob o sangue de Jesus.

Para o pastor não há mensagem de elevado conceito moral na codificação, mas o que temos apresentado até o momento é justamente o oposto e Kardec foi bem lúcido em seu conceito de que existem comunicações sérias com o enfoque a moralidade e prática de boas obras que é o caráter de julgamento. Outras, porém, não tem um cunho moral tão elevado e ocorrem para servirem de experimentações ao nosso senso crítico. Se o pastor tivesse realmente estudado a codificação, coisa que ele não fez a contento, observaria as mensagens apócrifas que Kardec publicou no capítulo XXXI da obra *O Livro dos Médiuns*, que trata das dissertações espíritas de cunho sério e outras não, orientando os espíritas a não confiarem em todas mensagens que procedem da espiritualidade, passando todas elas ao crivo da razão, independente da assinatura que esta mensagem vier.

Dentro de mais uma pinçada do pastor, à passagem de (Mc 2,10) que segundo ele, Jesus perdoa os pecados somente na terra, julgando, pela sua régua que todos nós espíritas já estamos condenados ao inferno e sem termos a chance do perdão, já que não seguimos a sua ortodoxia. Salientamos que o contexto de (Mc 2,1-12) trata da **cura de um paralítico** que agora o pastor vai se complicar em seu conceito, pois segundo ele, não temos vicissitudes de vidas progressas em nossas limitações físicas, mas observamos neste contexto que Jesus perdoa os pecados deste paralítico (Jo 2,5). Sabemos que a paralisia se dá em tenra idade e seria ilógico pensar que uma criança houvesse pecado na infância que merecesse ser punida com a paralisia. Contudo, quando dilatamos nossa percepção das vidas sucessivas através dos séculos, percebemos que este paralítico realmente era alvo da lei de causa e efeito, onde sua limitação física houvera servido a conter suas más inclinações. Voltaremos a este assunto mais adiante, onde trataremos sobre o tema reencarnação e certamente o pastor terá que rever seus conceitos sobre as vicissitudes da vida e a causa anterior às aflições.

Por fim, sobre as citações (Tg 2:13; Lc 16:26; Ap 20:15; 22:11) que o pastor repete acerca do julgamento ser referente a passagem de Tiago que é sobre o contexto (Tg 2,1-13) que trata do **respeito devido ao pobre**, já o comentamos e não repetiremos argumentos. Acerca de comentários sobre a **parábola do rico e de Lázaro** e do **julgamento das nações**, contidos na citação do pastor (Lc 16,26; Ap 20,15; 22,11), também já o desenvolvemos anteriormente, onde vemos ser desnecessário responder novamente. Em seu encerramento, falando do consolador (Jo 14; 16) também dedicamos um capítulo exclusivo a este tema e não repetiremos em nossas argumentações. Contudo, há a novidade na citação sobre a atuação dos anjos, citados pelo pastor (At 8,26; 27,24) e que observamos que o contexto (At 8,26-40) que trata, de que **Felipe batiza um eunuco** e outra atuação de um anjo (At 27,9-44) que trata, em seu contexto, da **tempestade e o naufrágio** em que toda a embarcação estava confiada a Deus, por intermédio de Paulo, que em nada fere o entendimento espírita dos anjos ministradores de Deus em nossa vida (Hb 1,14) e que já o desenvolvemos neste capítulo. Passemos, porquanto a oitava pergunta de Kardec e a tentativa de resposta do pastor. Vejamos:

Oitava Pergunta: “Que diríeis de um pai que deixasse o filho a mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastassem de si; que o privasse do contato com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Ser-nos-á lícito supor que Deus procede como um bom pai não procederia, e que, sendo ele a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?”

Resposta: Seria um monstro, o pai que deixasse o filho a mercê dos exemplos e conselhos perniciosos e o privasse do contato com pessoas de bem que o pudesse desviar do mal. Não! Deus não procede como um bom pai não procederia! Não! sendo Deus a bondade por excelência, não faz menos do que faria um homem! Mas, e daí? O que queria o senhor Kardec dizer com essas perguntas? Essas interrogações não são tão contundentes como se supõe. Elas não provam que pelo menos alguns dos espíritos que se manifestam nos centros Kardecistas sejam bons, para contrabalançar a influencia dos maus espíritos. Deus não quis usar esse expediente, é o que nos diz categoricamente a Palavra de Deus: “E, quando vos disserem: consultai os magos e os adivinhos, que murmuram em segredo nos seus encantamentos, respondi: porventura o povo não há de consultar o seu Deus? Há de ir falar com os seus mortos acerca dos vivos? Antes à lei e ao testemunho (é que se deve recorrer). Porém, se eles não falarem segundo esta linguagem não raiará para eles a luz da manhã. Andarão errantes, cairão”. (Is. 8:19, 21).

Mais uma vez quero lembrar aos amigos kardecistas que Deus proibiu na Sua Palavra a consulta aos mortos, e que, portanto, os melhores argumentos não justificam a transgressão a este Seu mandamento.

Como podemos observar, novamente o pastor cita uma passagem bíblica (Is 8,19-21) como se ela respondesse ao questionamento de Kardec que deixou o pastor sem a devida resposta. Para tanto, já analisamos esta passagem e daremos o devido entendimento, ao citar nosso texto [A comunicação com os mortos na Bíblia](#). Vejamos:

Analisando Isaías 8:19-20

Sobre este tema, dedicamos em complemento a tudo que abordamos, ao qual transcrevo abaixo a ideia central.

*Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondi: Acaso não consultará um povo a seu Deus? **Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.** (Is 8:19-20)*

Agora o mais importante, que é a resposta sintomática das perguntas acima é: “Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Assim pergunto: “**eles**” quem? A quem se refere este pronome? A resposta está justamente na pergunta anterior: “**A favor dos vivos consultarão os mortos?**”. Pois bem, o pronome “**eles**” se refere aos “**mortos**”.

Vale ressaltar que todos os que tentam negar a comunicabilidade dos “mortos” com os vivos, citam esta passagem apenas o versículo 19, mas sobre o verso 20 que é subsequente, vemos que há outro entendimento que não é o que nos pretendem mostrar, assim como muitos se

aventuram. O texto nos apresenta duas possibilidades e não apenas uma como pretendem mostrar, ao qual elas são:

1. Eles **falarem** segundo a lei e o testemunho.
2. Eles **não falarem** segundo a lei e o testemunho, e neste caso é porque **não há luz neles**.

As possibilidades esclarecidas pelo texto estão dentro do prisma de que uma verdadeira comunicação com os mortos, **via** necromantes e adivinhos existe por um lado negativo e outro positivo. Esta possibilidade de comunicação ou comunicabilidade com os “mortos” não é questionada, ou muito menos combatida como aludem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos.

A partir do momento em que o texto apresentado na Bíblia nos permite as duas possibilidades, e isto dentro da comunicabilidade, não há como negar a evidência textual de acordo com o que ele apresenta. Destarte, não existe a impossibilidade de se evitar a consulta indevida aos mortos, a forma de filtrar **não a comunicação em si**, mas **a qualidade das respostas** é “**segundo a lei e ao testemunho**”. A partícula “**se**” indica a **possibilidade** de falarem ou não segundo “**a lei e ao testemunho**”. São **duas** as possibilidades apontadas pelo texto.

Para que o texto em análise retratasse o pensamento dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, este deveria estar construído da seguinte forma: **Acaso a favor dos vivos** consultará os **mortos**? Se **aqueles** não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles. Todavia, se invertermos o pronome **estes** por **aqueles**, teremos a construção gramatical **correta** para que os opositores da comunicabilidade entre os dois planos tenham razão, porém, encontramos o pronome **estes** e por este motivo se refere aos mortos. Assim sendo, segue a semântica fiel e correta, sem os malabarismos exegéticos dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que mais uma vez caem por terra.

Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles...

O Capítulo 8 do livro de Isaías retrata a profecia sobre a invasão dos Assírios em Israel, portanto, há de se convir que esta prática de adivinhação é a que o próprio Moisés proibiu, pois, os profetas de Israel, tais como Samuel eram também videntes (Médiuns), assim como lemos:

Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente, se chamava vidente. (1 Sm 9:9)

Os intermediários entre “Deus” e os homens no AT, porém, não faziam estes as consultas fúteis e sim revelações acerca dos hebreus e sua destinação, leiamo-la:

“Samuel respondeu a Saul e disse: Eu sou o vidente; sobe adiante de mim ao alto; hoje, comereis comigo. Pela manhã, te

despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei.” (I Sm 9:19). (FERRARI. T. T. 2014, p. 32-34)

Fim da citação

Como podemos observar, nem mesmo a citação do livro do profeta Isaías auxilia o pastor em refutar Kardec que num exame apurado, coaduna com a recomendação do apóstolo João em nos asseverar: **“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”**. (1Jo 4,1). Passemos agora a análise da nona pergunta de Kardec e última resposta do pastor. Vejamos.

Nona Pergunta: “A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?”

Resposta: A “Igreja” que reconhece como autênticas certas manifestações da “Virgem Maria” e outros “santos” é tão incoerente quanto o kardecismo. Essa crença realmente está em contradição com a doutrina da manifestação exclusiva dos demônios, mas quem tem de responder por esta discrepância são os católicos, e não os evangélicos. Nós, os evangélicos, não cremos nas aparições de Maria e outros cristãos primitivos (aparições estas tão difundidas pelos padres), pois os santos morreram, e contatá-los é fazer o que os espíritos fazem. Realmente não dá para entender porque os padres combatem o kardecismo e outras ramificações do Espiritismo, se eles o praticam no Catolicismo Romano. O Catolicismo Romano é um tipo de espiritismo (feitiçaria) disfarçado em Cristianismo.

Realmente os católicos precisam repensar, pois admitir a manifestação dos espíritos dos santos, mas rechaçar a mediunidade espírita, é, deveras, ser tão incoerente quanto os Kardecistas. Os católicos realmente devem uma explicação.

Como podemos observar, o pastor desfecha a sua resposta ao nono e último questionamento de Kardec, destilando seu sectarismo atribuindo aos Católicos como feiticeiros como nós espíritos. Devemos lembrar que a igreja primitiva acreditava na manifestação dos “mortos” como bem evidenciamos em (At 12,15) e inúmeras outras referências. Parece-nos que o pastor desconhece e convidamos a ele e os demais leitores a conhecer nosso artigo [A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas](#) em que padres católicos pesquisam o fenômeno com profundidade e sem preconceitos. Fazemos das palavras deles, as nossas, ***O diálogo com os mortos não deve ser interrompido porque, na realidade, a vida não está***

limitada pelos horizontes do mundo. (**Papa João Paulo II**), **O espiritismo existe, há sinais na Bíblia**, na Sagrada Escritura, no Antigo Testamento. Não se pode negar que exista esta possibilidade de comunicação. (**Gino Concetti**). **A Igreja acredita que seja possível uma comunicação entre este mundo e o outro mundo**. A Igreja se sente peregrina, porque vive na terra e possui uma pátria no céu. (**Sandro Register**). Vamos agora analisar o capítulo seguinte, já que as perguntas de Kardec neste capítulo continuam sem resposta e a tentativa do pastor foi em vão.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: **O Espiritismo e as incoerências de um pastor**. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

CALLIGARIS. R. **Páginas de Espiritismo Cristão**. Brasília-DF: FEB, 2000.

KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília-DF: FEB, 2019c.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.

KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília-DF: FEB, 2019f.

XAVIER. F. C. **O Consolador**. Brasília-DF: FEB, 2010.

FERRARI. T. T. **A Comunicação com os Mortos na Bíblia**. Vitória-ES. 2014,
<https://apologiaespirita.com.br/a-comunicacao-com-os-mortos-na-biblia/>

FERRARI. T. T. **A fé sem obras está morta**. Vitória-ES. 2013,
<https://apologiaespirita.com.br/a-fe-sem-obras-esta-morta/>

- FERRARI. T. T. ***A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas*** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/A-Reencarnacao-a-Comunicacao-com-os-Mortos-e-as-Pesquisas-Cientificas.pdf>
- FERRARI. T. T. ***Na transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?*** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/na-transfiguracao-elias-e-moises-falaram-realmente-com-jesus/>
- FERRARI. T. T. ***O Diálogo entre Jesus e Nicodemos***. Vitória-ES. 2016, <https://apologiaespirita.com.br/o-dialogo-entre-jesus-e-nicodemos/>
- FERRARI. T. T. ***Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?*** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/quem-realmente-e-satanas-e-quem-sao-os-demonios/>